

A função limitante e inclusiva da preposição até: um estudo enunciativo

*The limiting and inclusive function of the preposition até: an
enunciative study*

Andreana Carvalho de Barros Araujo
Universidade Federal do Piauí (UFPI)
andreanafr@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4886-8955>

Eduardo Henrique Vieira Santos
Universidade Federal do Piauí (UFPI)
eduardohenrique@ufpi.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-0526-1763>

RESUMO

Este artigo traz um estudo enunciativo sobre a preposição *até*. Do ponto de vista gramatical, ela é compreendida como vazia, porém não em uma perspectiva enunciativa. O objetivo deste trabalho é analisar o seu funcionamento e como seu sentido é construído nos enunciados. Para tanto, tomamos como base a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, tendo como seu principal teórico Antoine Culioli (1990) e outros estudiosos como Franckel e Lébaud (1991); Franckel e Paillard (2007); Leeman e Vaguer (2016) e Leeman-Bouix (1996). Esta teoria trata os dados de modo a buscar invariâncias como resultado de uma manipulação minuciosa dos observáveis por meio de paráfrases. Os resultados demonstram que *até* apresentou dois diferentes funcionamentos e sentidos conforme os cotextos foram alterados.

Palavras-chave: preposição; até; limite; inclusão; enunciação.

ABSTRACT

This article presents an enunciative study on the preposition *até*. From a grammatical point of view, it is understood as empty not from an enunciative. The objective of this work is to analyze the functioning and how its meaning is constructed in statements. We take as a basis the Theory of Predicative and Enunciative Operations, having as its main theorist Antoine Culioli (1990) and other scholars such as Franckel and Lébaud (1991); Franckel

and Paillard (2007); Leeman and Vaguer (2016) and Leeman-Bouix (1996). This theory treats data in a way that seeks invariances as a result of a thorough manipulation of observables through paraphrases. The results demonstrate that *até* presented two different functions different as the co-texts were changed.

Keywords: preposition; até; limit; inclusion; enunciation.

INTRODUÇÃO

A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), desenvolvida pelo linguista francês Antoine Culioli (1924-2018), estabelece como objeto de estudo da linguística a “atividade de linguagem apreendida através das línguas naturais (e através da diversidade de textos orais e escritos)” (Culioli, 1990, p. 14, tradução nossa).¹ Este modelo teórico se concentra no estudo da atividade de linguagem, levando à análise da construção do enunciado. Assim, a abordagem proposta por Culioli insere-se no domínio da *linguística da enunciação*, sendo reconhecida como uma teoria que se alinha com os estudos enunciativos.

Dentro deste quadro teórico, o enunciado é concebido

como um agenciamento de formas a partir dos mecanismos enunciativos que o constituem. Estes mecanismos permitem que os enunciados sejam analisados dentro de um sistema de representação formalizável como um encadeamento de operações, das quais o enunciado é o maior traço (Cumpri, 2017, p. 187).

O suporte teórico-metodológico proposto por Culioli apresenta a linguagem como uma atividade significativa, acessível ao linguista apenas por meio dos textos e das operações² constitutivas do enunciado, ou seja, os traços linguísticos que chamamos de *marcas* ou *observáveis*. Valentim (1998, p. 34) explica que a teoria enunciativa culioliana integra uma teoria dos observáveis, pois considera os textos em línguas naturais como manifestações da atividade de linguagem. Assim, é possível observar os traços de operações dessa atividade por meio desses textos.

¹ l’activité de langage appréhendée à travers la diversité des langues naturelles (et à travers la diversité des textes, oraux ou écrits).

² Na teoria culioliana, o termo “operação(ões)” refere-se às operações mentais. O linguista não tem acesso direto a essas operações, mas somente através de observações dos textos, por meio dos quais ele constrói operações metalinguísticas que são reconstruções simuladas das operações mentais.

Nessa perspectiva teórica, a linguagem sendo vista como atividade envolve a construção de outras três atividades fundamentais:

a) Representação - atividade que compreende três níveis: o primeiro, chamado *nocional*, das representações mentais de ordem cognitiva e afetiva; o segundo, *linguístico*, dos enunciados; e o terceiro, *metalinguístico* ou observacional, compreendendo as reescrituras feitas pelo linguista, que simulam as relações entre os níveis nocional e linguístico.

b) Referenciação - atividade de construção entre os elementos do nível nocional e do nível linguístico que se organizam por operações de localização.³

c) Regulação - também chamada de ajustamento, é a atividade de adequação dos níveis de representação e referenciação entre os sujeitos enunciadoreis.⁴

De acordo com Correia, (2001, p. 344), a enunciação, na teoria culioliana, é concebida como

o produto de operações de localização abstrata que a submetem a determinações diferenciadas. Através de localizadores enunciativos, constrói-se um sujeito enunciador-origem, que deve ser entendido como um parâmetro abstrato e que não necessariamente coincide com o sujeito locutor.

A enunciação, entendida como uma atividade significativa e complexa, envolve a produção de enunciados pelos sujeitos enunciadoreis. Trata-se de um construto teórico que permite identificar e analisar os traços das operações mentais que, embora sejam inacessíveis ao linguista, manifestam-se como marcas no enunciado. A produção do sujeito enunciador, por sua vez, passa por várias operações, desde os processos cognitivos até o próprio enunciado. Essas operações são de interesse para a teoria, pois ajudam a compreender o funcionamento do enunciado e das unidades que o compõem.

³ No original em francês, *repérage*.

⁴ Culioli (1990, p. 181) afirma que “a atividade de regulação intersubjetiva consiste em ajustar estruturas de referência e invalidar um enunciado em relação a um estado de coisas” (tradução de Tarcilane Fernandes da Silva).

A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NA PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA

No âmbito da perspectiva construtivista, na qual se insere a teoria desenvolvida por Culioli, postula-se que o sentido de uma unidade ou de uma sequência se constrói na interação com o ambiente textual em que se encontra e é estabilizado em decorrência deste ambiente. Tal sentido não é apenas emergente, mas também se consolida e adquire uma estabilidade local em função das características específicas desse ambiente textual. É, pois, nesse processo de interação contínua que o sentido se constrói e se estabiliza, e isso nos leva a constatar que o sentido de um enunciado *depende da rede de relações de dependência recíproca entre as unidades linguísticas que o compõem*.

Franckel (2006, p. 51-53) distingue este ambiente textual em *cotexto* e *contexto*:

O cotexto é relativo a uma palavra ou sequência (sequência interpretável de palavras e unidades), das quais constitui o ambiente imediato. É uma unidade ou grupo de unidades cuja presença atua imediatamente, na maioria das vezes dentro de um enunciado. O contexto mais amplo desempenha um papel maior: ultrapassa o escopo da declaração e é o que pode ser chamado de quadro, plano de fundo ou até mesmo a “história” em que faz parte desta afirmação e esclarece a sua interpretação (tradução nossa).⁵

A interação entre os elementos que compõem o enunciado é fundamental para que o sentido se estabilize no material verbal. Nesse processo dinâmico, cada unidade do enunciado contribui para a construção do sentido. Tudo é interior ao linguístico, ou seja, a construção de sentido ocorre no e pelo enunciado, sendo este o espaço onde a língua se materializa e se torna possível a análise. Por esse motivo, é necessário manipular os enunciados para perceber como suas unidades interagem entre si, como funcionam e como essa interação afeta o sentido que se estabiliza no momento da enunciação. A estabilidade desse sentido, ressaltamos, é um fenômeno que resulta da interação entre as unidades linguísticas marcada por meio de operações em cada ato enunciativo.

⁵ cotexte, est relatif à un mot ou à une séquence (suite de mots et d'unités interprétable), dont il constitue l'environnement immédiat. Il s'agit d'une unité ou d'un groupe d'unités dont la présence agit immédiatement, le plus souvent au sein même d'un énoncé [...]

Le contexte large joue à plus grande échelle : il dépasse le cadre de l'énoncé et relève de ce que l'on peut appeler le cadre, l'arrière-plan, voire « l'histoire » dans lesquels s'inscrit cet énoncé et se précise son interprétation.

Análise da preposição *até* e seu funcionamento enunciativo

Todas as unidades linguísticas, inclusive aquelas que parecem ter características mais estáveis, podem ser analisadas e apresentam variações em seu funcionamento do ponto de vista da TOPE. No entanto, há algumas posições mais conservadoras em relação ao estudo de unidades consideradas gramaticais, como é o caso dos marcadores preposicionais.

A perspectiva gramatical é o oposto daquela assumida pela TOPE. Segundo Bechara, a preposição não opera de forma independente, mas sim em conjunto com outras unidades, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios, marcando as relações gramaticais que desempenham no discurso. Nessa abordagem, o papel das preposições é “ser um índice da função gramatical do termo que ela introduz” (Bechara, 2006, p. 296).

Todavia, essa visão da preposição proposta por Bechara não lhe é exclusiva. Leeman e Vaguer afirmam que, em geral, a gramática descreve essas unidades como “uma simples ferramenta que é imposta pela sintaxe” (Leeman e Vaguer, 2016, p. 3). Do ponto de vista semântico, “a preposição nem mesmo é estável em termos de identidade, sendo algumas delas consideradas *vazias* (grifo do autor), necessárias apenas para a estrutura textual e sua articulação formal” (Leeman, 1999). Essa abordagem distingue uma unidade lexical de uma unidade gramatical e, seguindo essa lógica, a preposição se enquadra no conceito de unidade gramatical, pois não teria sentido por si só.

Por outro lado, na ótica da TOPE, não existem unidades vazias, pois todas contribuem para a construção do sentido das unidades do enunciado. Franckel e Lebaud (1991) afirmam que toda e qualquer unidade da língua apresenta um nível de abstração e, portanto, uma invariância em seu funcionamento. Por ser uma preposição, o marcador *até* funciona como uma unidade relatora, pois sempre estabelece uma relação entre dois termos. Em geral, a preposição *até* estabelece uma relação de limite ou extremidade, podendo indicar tanto um ponto final em um *continuum* espacial ou temporal, quanto um grau máximo em uma escala de valores. Isso é consistente com a visão de Franckel e Daniel Lebaud (1991), Franckel e Paillard (2007), que argumentam que as preposições, longe de serem *vazias*, carregam significado aspectual e contribuem para a construção do sentido global do enunciado.

Passemos, então, às análises dos grupos:

Grupo 1 A construção da forma Ø (vazio) ou nome + até + nome ou localizador

(1) Para conhecer Plutão de verdade, precisamos ir *até* lá [...]

(Revista National Geographic, n. 184, jul. 2015, p. 30).

No enunciado (1), a marcação de Ø pode ser preenchida pela especificação do ponto de origem, o planeta Terra.

A _____ B

A - Ponto originário (planeta Terra)

B - Plutão

A preposição *até* estabelece um limite espacial, sugerindo que a verdadeira compreensão de Plutão só pode ser alcançada através de uma viagem direta e pessoal ao planeta, não apenas por meio de observações à distância. Nesta ocorrência, *até* confere importância ao trajeto do ponto A ao B, funcionando como um marcador de limite entre esses pontos e estabelecendo a necessidade de uma jornada física para alcançar uma compreensão completa. Logo, o valor semântico de limite estabilizado localmente por *até* decorre de sua relação cotextual com o advérbio *lá*, que desempenha um papel anafórico, retomando o nome Plutão.

(1a). Precisamos ir a Plutão

Ao substituírmos a preposição *até* pela preposição *a*, no enunciado 1a, embora continue marcando um sentido de limite, a preposição *a* constrói um contexto que confere importância ao ponto B, à localização do ponto, não ao trajeto até ele.

(2) As asas dos pterossauros consistem de uma membrana presa em cada lado do corpo, do ombro *até* o tornozelo, [...].

(Revista National Geographic, n. 212, nov 2017, p. 67).

No enunciado (2), *até* também estabelece um limite espacial, mas neste caso enfatiza a dimensão da asa, ou seja, o espaço entre o ponto A (ombro) e o ponto B (tornozelo), conferindo importância à extensão das asas. Na relação cotextual, a preposição *até* é decisiva para entender a estrutura física dos pterossauros, conforme descrito no enunciado.

A _____ B

A- Ponto inicial (ombro)

B - Ponto final (tornozelo)

(2a). As asas vão até o tornozelo

(2b). As asas vão ao tornozelo

Ao reformularmos o enunciado inicial para “As asas vão até o tornozelo”, a preposição *até* ainda marca a extensão das asas, mas sem ênfase na dimensão, ou seja, no espaço entre o ponto A e o ponto B, uma vez que neste caso o ponto A é $\emptyset$. Considerando ainda uma outra reformulação, como em 2b, a mudança da preposição *até* para *a* altera o sentido do enunciado, estabilizando a ideia de onde as asas podem tocar, deslocando a ênfase da extensão para a localização do ponto, ou seja, para o ponto B.

(3) *Até* agora, os estudos revelaram descobertas sobre câncer, diabetes, doenças musculares e muito mais.

(Revista National Geographic, n. 210, set 2017, p. 15).

Neste enunciado, *até* é usado para indicar um limite temporal, sugerindo que as descobertas mencionadas foram iniciadas num ponto A até o momento presente, ponto B.

A _____ B

A - Ponto indefinido (momento em que os estudos foram iniciados)

B - Momento atual

O momento inicial dos estudos, representado pelo ponto A, não está marcado textualmente e parece ser indefinido. No entanto, isso não impede o uso de marcadores temporais para delimitá-lo, como no exemplo:

(3a). de 1980 até agora

Isso implica que a pesquisa está em andamento e que mais descobertas podem ser feitas no futuro. A preposição *até* funciona como um marcador temporal, destacando a natureza contínua e progressiva da pesquisa científica.

Ao propormos um enunciado como:

3b. Os estudos foram realizados até agora

Neste caso, a preposição *até* continua a operar como um marcador temporal, estabelecendo um limite no tempo para as descobertas obtidas com os estudos. Este sentido decorre da relação cotextual de *até* com o advérbio *agora*, estabilizando uma ideia de limitação temporal.

Se considerarmos a reformulação:

(3c). *de 1980 a agora

Nesta paráfrase, a substituição da preposição *até* por *a* não interfere no sentido entre os pontos A e B, ao contrário do que ocorreu com a substituição entre “asa” e “tornozelo”, no enunciado 2. No entanto, a construção do enunciado tendo o ponto B como o marcador de tempo adverbial “agora” confere um custo enunciativo⁶, visto que essa estrutura não é uma convenção linguística usual. Por outro lado, ao substituírmos por 2010, por exemplo, teremos “de 1980 a 2010”; observamos que o funcionamento enunciativo se torna aceitável, o que implica que a preposição *a* constrói um sentido de

⁶ O custo enunciativo diz respeito a um esforço para a construção de uma situação específica que permita a estabilização do sentido produzido pelo enunciado.

limite temporal apenas com marcadores de mesma natureza semântica quando estes ocupam os pontos A e B, como de janeiro *a* março, de 2010 *a* 2020 e não de janeiro *a* 2020 ou de 2010 *a* março.

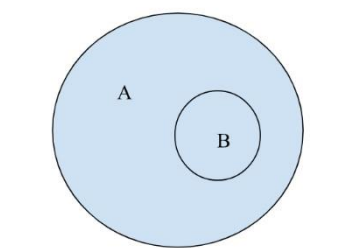
Grupo 2 A até + (marcador modal) + nome ou verbo

(4). *Até mesmo* os ilustradores científicos muitas vezes se equivocam ao representá-los (os pterossauros).

(Revista National Geographic, n. 212, nov 2017, p. 67).

A preposição *até*, na relação cotextual com a unidade *mesmo*, serve como um marcador de inclusão e, ao mesmo tempo, de ênfase, ressaltando a surpresa de que mesmo os especialistas podem cometer erros, reforçando a natureza complexa e desafiadora da representação científica.

Figura 1 – Grupos de ilustradores científicos



Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

A- Ilustradores científicos

B- Ilustradores que se equivocam

Ao levarmos em conta que na TOPE a linguagem é considerada como um sistema de operações que permitem aos sujeitos enunciadorees construir representações do mundo, a preposição *até*, neste caso, constrói uma representação de um mundo no qual até mesmo os especialistas podem errar. Além disso, pode ser interpretado também como um operador que estabelece um valor de intensidade.

Se considerarmos uma situação de enunciação em que um sujeito enunciador acaba de descobrir que ilustradores científicos podem se equivocar, ao representar os pterossauros, o uso de *até* intensifica a afirmação, sugerindo que é surpreendente ou inesperado que até mesmo os ilustradores científicos, dos quais são esperados um alto grau de precisão em seu trabalho, podem cometer erros. Parafraseando, temos:

(4a). Até os ilustradores científicos se equivocam.

Em (4a), ao retirarmos o marcador *mesmo*, o sentido de inclusão estabilizado com sua coocorrência com *até* não é perdido, apenas perde a força de intensidade.

A mesma ideia de inclusão se mantém quando temos a construção do enunciado a seguir:

4b. Mesmo os ilustradores científicos se equivocam.

É importante observar que *até* e *mesmo* funcionam muito bem, tanto juntos quanto separados, evidenciando o sentido de inclusão e ênfase ao mesmo tempo; todavia, ambos apresentam um grau de intensidade diferente. Quando aparecem juntos, o marcador *mesmo* enfatiza a ideia de inclusão de *até* e, quando separados, ambos perdem força.

Ainda podemos apontar mais uma paráfrase possível que seja capaz de trazer à tona o sentido de inclusão.

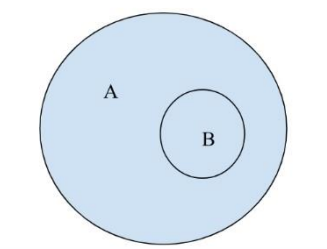
4c. *Inclusive* os ilustradores científicos muitas vezes se equivocam

Embora não seja um elemento que esteja equiparado à mesma classe gramatical, já que se trata de um advérbio, tal unidade é capaz de substituir ambos, *mesmo* e *até*, sem prejuízo de sentido.

(5) Para algumas pessoas, é difícil *até* falar disso em voz alta.

(Revista National Geographic, n. 210, set 2017, p. 7).

Figura 2 – Grupos de pessoas



Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

A- Grupo de pessoas que têm problemas em relação a um determinado tema

B - Grupo de pessoas que têm dificuldades para falar sobre tal tema em voz alta

Nesta ocorrência, a preposição *até* estabelece o limite extremo de dificuldade, indicando que, para algumas pessoas, a dificuldade é tão grande que elas têm problemas até mesmo para falar sobre algum assunto em voz alta. No enunciado 5, *até* serve como um marcador de intensidade, destacando a profundidade do desconforto ou da dor que algumas pessoas podem sentir ao discutir certos tópicos.

Podemos observar também esse valor de intensidade num enunciado como:

(5 a). Para Maria, é difícil *até* falar de aranhas.

Neste enunciado, *até* está sendo usado para expressar a ideia de que, para Maria, o simples ato de falar sobre aranhas é extremamente desafiador. Isso sugere que Maria tem um medo tão grande desses animais que até mesmo discutir o assunto é difícil. Da mesma forma que no enunciado (5), *até*, nessa ocorrência, serve para intensificar a afirmação, destacando a magnitude do desafio que representa para Maria simplesmente falar sobre aranhas. *Até* também indica que a ação de falar sobre aranhas está incluída no conjunto de coisas que Maria acha difícil.

Se retornarmos ao enunciado (5), um determinado assunto que não está explícito no enunciado pode estar inserido num conjunto de outros assuntos considerados difíceis pelo sujeito enunciativo. Isso sugere que há outras coisas que ele acha difícil, mas a ação de falar sobre um assunto em específico é tão desafiador que merece ser destacada. Nessa perspectiva de análise, consideramos que a preposição *até* opera como um marcador para

incluir a ação de falar sobre algo (5) ou aranhas (5a), no conjunto de desafios enfrentados pelo sujeito enunciador e por Maria, respectivamente.

A paráfrase para realizar a substituição de *até* por um marcador preposicional que engendre pelo menos um sentido aproximado ao que se manifesta no exemplo (5), se mostrou uma tarefa difícil. No entanto, podemos fazer a seguinte substituição:

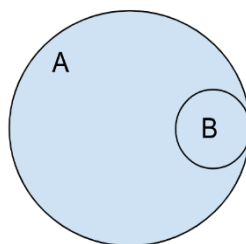
(5b). [...] é difícil *inclusive* falar disso em voz alta

Desse modo, podemos afirmar que o advérbio *inclusive* pode ser um sinônimo local para *até* quando este engendra o sentido de inclusão.

Consideramos que as figuras 1 e 2, neste grupo, mostram *B* como um subconjunto cuja relação com *A* é claramente definida pela inclusão de círculo menor dentro de um maior, indicando que a preposição *até* enfatiza a *inclusão* e a *intensidade* da característica ou ação associada ao subconjunto *B* em relação ao conjunto maior *A*.

(6) E, assim como uma boa encenação em um palco de teatro pode nos transportar *até* dar a impressão de que o que estamos assistindo é real [...].
(Revista National Geographic, n. 201 dez 2016, p. 332).

Figura 3 - Sensações



Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

A - As diversas sensações que uma boa encenação de teatro proporciona

B - A sensação de ser transportado ao real

No enunciado, o verbo *transportar* e o predicado *dar a impressão*, na relação cotextual com *até*, podem convocar o seguinte contexto: Alguém assiste à encenação que

se estende num período e num determinado ponto, esse espectador tem a impressão de ser real aquilo a que assiste.

Na sua ocorrência, a preposição *até* marca o limite do grau extremo de um estado, indicando uma mudança no estado de percepção do espectador, desencadeada pela encenação que seria o momento em que o sujeito atinge o ápice desse estado (a impressão), quase um transe. Diferente das ocorrências anteriores, a limitação nessa ocorrência não está no plano do espaço físico mensurável ou temporal cronológico, mas na sensação vivenciada por quem assiste a encenação e que o leva a um estado em que considera como real algo que não tem a propriedade <ser real>.

De todas as possibilidades de sensações produzidas por uma boa encenação de teatro, uma delas, e talvez a mais difícil de todas, seja ser transportado ao real. *Até* inclui essa sensação como uma possibilidade. Quando tentamos parafrasear, fica difícil encontrar outro marcador preposicional que destaque esse valor de inclusão produzido por *até*, mas, como nos enunciados anteriores, é possível substituir pelo marcador adverbial *inclusive*.

(6a). Uma boa encenação em um palco de teatro pode nos transportar e inclusive dar a impressão de que o que estamos assistindo é real.

Ao retomarmos a figura 3, concluímos que a posição de B em relação a A aponta que, embora não seja a experiência central ou mais comum (como seria se B estivesse no centro de A), a sensação de ser transportado ao real é uma possibilidade distinta e notável dentro do conjunto de sensações que A representa.

CONCLUSÃO

A análise detalhada dos enunciados evidencia a multifuncionalidade da preposição *até* como um marcador de grande relevância semântica que opera na articulação de sentidos de limites espaciais ou físicos, bem como noções de inclusão ou intensidade. Esta constatação corrobora com a perspectiva de Culioli, segundo a qual a enunciação não é apenas um processo dinâmico, mas também um fenômeno profundamente intersubjetivo. Através dessa interação, por meio da atividade de

linguagem, os sujeitos enunciadore constróem e reconstróem o sentido do enunciado conforme as situações comunicativas.

O sentido, na perspectiva construtivista na qual a TOPE está inserida, não vem *a priori* estabilizado ou determinado por meio de regras gramaticais classificatórias, mas também se constrói no e pelo enunciado. A partir das análises das ocorrências de *até*, nos enunciados, observamos a participação ativa dessa preposição, não apenas atuando de modo a ligar duas unidades, mas contribuindo efetivamente na construção do sentido dos enunciados em questão.

No primeiro grupo de enunciados, observamos *até* atuando como um marcador que estabiliza o sentido espacial ou temporal, simultaneamente, enfatizando a importância do percurso ou extensão entre dois pontos e a continuidade e progressão de uma atividade. Os três enunciados finais, que compõem o segundo grupo, revelaram um comportamento semântico de *até* como um operador de inclusão e intensidade, evidenciando uma habilidade profissional, uma ação específica e uma experiência sensorial.

É importante destacar que as análises apresentadas neste trabalho abrem caminho para investigações adicionais neste campo de estudo, uma vez que podem ser ampliadas por futuras pesquisas, a fim de explorar ainda mais o potencial desta abordagem e contribuir para entender a linguagem como uma atividade essencial para a construção do sentido e para a interação humana.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucema, 2006.

CULIOLI, Antoine. *Pour une linguistique de l'énonciation: Opérations et représentations*. Paris: Ophrys, 1990.

CUMPRI, Marcos Luiz. A linguística culioliana e seus subsídios para investigação dos mecanismos das línguas naturais. *Revista Ecos*, Cáceres-MT, vol. 22, ano 14, n. 1, p. 167-189, set 2017.

CORREIA, Clara Nunes. A construção da referência: contribuição para uma (nova) proposta. In: SILVA, Augusto Soares da. (org.) *Linguagem e cognição. A perspectiva da linguística cognitiva*. Braga: Associação Portuguesa de Linguística / Universidade Católica Portuguesa, 2001, p. 610-617.

FRANCKEL, Jean Jacques. Situation, contexte et valeur référentielle. In: *Pratiques: linguistique, littérature, didactique*, Paris, n. 129 /130, 2006, p. 51-70.

FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. *Grammaire des prépositions*. T.I. Paris: Ophrys, 2007.

FRANCKEL, Jean Jacques; LEBAUD, Daniel. *Diversité des valeurs et invariance du fonctionnement de en préposition et pré-verbe*. In: *Langue française*. n. 91, 1991. p. 56-79.

LEEMAN, Danielle; VAGUER, Céline. *La préposition peut-elle être prédicative? Le cas de la préposition en*. *Verbum XXVI* (Presses Universitaires de Nancy), 2014, n. 2, p. 397-419.

LEEMAN-BOUIX Danielle. La préposition: un «auxiliaire» du nom?. *Langages*, 33^e année, n. 135, p. 75-86, set. 1999.

VALENTIM, Helena Topa. Quadro teórico. In: *Predicação de existência e operações enunciativas*. Lisboa: Edições Colibri, 1998, p. 29-46.

Recebido em: 13/05/2024

Aceito em: 02/11/2024

Andreana Carvalho de Barros Araujo: graduada em Letras – Língua Portuguesa e Língua Francesa. Doutoranda em letras – linguística pela Universidade Federal do Piauí. Tem experiência na área de Letras português, francês e linguística. Participa do Grupo de Estudos da Teoria das Operações Enunciativas (GETOE), atuando em pesquisas no âmbito da teoria enunciativa de Culioli.

Eduardo Henrique Vieira Santos: graduado em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Piauí (2004). Mestre em Linguística pelo PPGEL da UFPI (2023). Tem experiência na área de Letras com ênfase em Língua Portuguesa e Linguística.